

## Língua e patrimônio: o desafio da teoria e o percurso da análise

Larissa Montagner Cervo (UFSM)\*

*Resumo:* Neste texto, propomo-nos apresentar o modo como temos construído o dispositivo teórico-analítico de nossa tese de doutoramento, por ora intitulada **Minha língua, patrimônio nosso**, que versa sobre a significação da língua como patrimônio em face do Museu da Língua Portuguesa/SP.

*Palavras-chave:* língua; patrimônio; Museu da Língua Portuguesa; exposições temporárias.

Nossa pesquisa de tese de doutoramento, por ora intitulada **Minha língua, patrimônio nosso**, versa sobre a significação da língua como patrimônio em face do Museu da Língua Portuguesa (Estação da Luz – São Paulo/SP), lugar este de análise que elencamos justamente por ele se propor como um espaço de comemoração do patrimônio e por dar visibilidade à língua nessa condição de objeto simbólico. Para o desenvolvimento da nossa questão de pesquisa - a língua como patrimônio, elencamos as exposições temporárias que acontecem no museu como objeto de análise em virtude de que, dentre os setores que compõem o espaço museográfico, são elas que, pelo seu caráter transitório e não permanente, inscrevem-se em um processo discursivo que ressignifica/renova/recupera sentidos num jogo entre o mesmo e o diferente, dando movimento ao imaginário do conceito de patrimônio e, ao mesmo tempo, funcionando como 'mostras' do que significa língua nessa perspectiva patrimonial.

É importante deixarmos claro, antes de mais nada, que a questão da língua como patrimônio é anterior à criação do Museu da Língua Portuguesa. Em termos de documentação jurídica ou mesmo política, a língua *dita* como patrimônio aparece na **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial** (UNESCO, 2003), quando, em meio à eleição dos domínios que regem a classificação do patrimônio imaterial (aqueles que devem ser registrados, não tombados), a língua aparece logo no primeiro item, como vetor dos bens da referida ordem: "(a) tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do patrimônio cultural imaterial". A Convenção é um entre outros documentos base para as políticas públicas de preservação patrimonial dos países-membros da Unesco - o que abrange o Brasil, e representa uma ampliação do conceito de patrimônio no que tange à existência material (no sentido físico) e simbólica dos bens.

Como sabemos, para a análise de discurso, nomear a língua como imaterial é uma contradição já que a língua é material, condição de realização de processos discursivos (ORLANDI, 2003), o que em nosso gesto de interpretação subsidia

---

\* Prof.ª Substituta do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria. Doutoranda em Letras – Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação da Prof.ª Dr. Amanda Eloina Scherer. Bolsista Capes. E-mail: laricervo@yahoo.com.br

inclusive a própria tomada da língua como vetor da Convenção, dada a necessidade de inscrição da/na língua para a realização das práticas simbólicas e rituais de saber-fazer que constituem os bens imateriais. Ao mesmo tempo, abre um campo fértil de pesquisa, já que mexe com algo constitutivo do sujeito e coloca isso em perspectiva de valorização, no entremédio das práticas da/na/pela língua e daquilo que se tem ou que se toma como representativo desse processo, devendo, então, fazer parte ou mesmo permanecer nas narrativas da história.

Quando falamos que o patrimônio está ligado a uma questão de ‘representação’, estamos pensando nos elementos de uma cadeia de símbolos identitários que caracterizam grupos (diferenciando-os, portanto) a partir do valor que tal elemento possui para a/na memória coletiva desse grupo. Nesse viés, Chastel (1997) pontua que o patrimônio é algo de valor afetivo mais marcante porque designa certas condições fundamentais da existência nacional e humana. Em uma leitura discursiva, entendemos que o conceito dialoga com a questão do imaginário e do simbólico, já que se sustenta do imaginário coletivo que um grupo social faz de sua história, das suas relações sociais e do meio em que vive, e só significa porque inscrito no simbólico, entendido aqui como o lugar que “estabelece as possibilidades de relação entre o sujeito e o mundo (natural e social)” (PETRI, 2004, p. 121). Enquanto artefato simbólico do/no imaginário social de um grupo, o patrimônio não está distante da ideia de invenção, mesmo assim, ele não é algo instituído de modo arbitrário, muito embora funcione pelos efeitos da naturalização, da universalidade e, também, do poder. Para se constituir, ele se inscreve em uma memória discursiva, de onde retoma sentidos já-lá, já-ditos, ressignificando-os ou reiterando-os, movimentando-os para um lugar outro que tem estatuto valorativo e que, então, constitui um lugar de memória. Isso acontece porque o simbólico é uma questão aberta e insta à interpretação (cf. Orlandi, 2007).

Em se tratando do Museu da Língua Portuguesa, entendemos que ele recupera a convenção da língua como patrimônio pela Unesco e museifica o bem, contrariando a dita ‘imaterialidade’ deste, uma vez que o patrimônio imaterial é justamente aquilo que não pode ser museificado (HEINICH, 2009). Por essa razão, o museu se estrutura a partir do que se tem chamado nova museologia<sup>1</sup> e abandona a ideia de arquivo que acumula obras, livros, papéis, tal como uma biblioteca. Para monumentalizar a língua, portanto, não se restringindo ao documental apenas, o museu se vale em particular da mídia audiovisual que permite ao visitante, além de ver e de ler, também ouvir e “interagir” com o objeto em cena, essa língua portuguesa cujo nome evoca uma memória de língua nacional, pensada aqui em seu efeito de evidência.

Como um lugar de memória (cf. conceito de Nora, 1997), a ideia do Museu da Língua Portuguesa, como outros museus, é possibilitar a vivência de uma memória a partir da vigilância da comemoração, para que o que está guardado não seja esquecido ou simplesmente varrido pela história. Nesse sentido, além da proposta de ‘experimentação’ e (re)conhecimento do objeto língua portuguesa, as diferentes práticas simbólicas que constituem o espaço museográfico são guiadas por um fio condutor na

---

<sup>1</sup> Nova museologia é um conceito atual que abrange museus que não tiram o objeto do seu contexto e que se voltam ao público, à diferença dos museus tradicionais, de caráter depositário e conservador e cujo valor concentra-se no objeto em si, e não na significação cultural desse bem (cf. TEIXEIRA COELHO, 2004).

produção dos sentidos, logo, da memória que lá está preservada: todo o museu é atravessado pela história e pela etimologia, querendo dizer ao visitante que língua é essa e de onde ela vem para ser o que é hoje.

Neste ponto, entram em cena as exposições temporárias como nosso objeto de análise. Desde a sua inauguração (março de 2006), o museu já colocou em cartaz<sup>2</sup> dez exposições temporárias, que acontecem em sua maioria no primeiro andar e que se constituem, em nosso gesto de interpretação, em geral por dois eixos: ou pela evocação de importantes nomes de autores e do título de importantes obras, em particular da literatura em língua portuguesa, ou do tratamento de questões de e sobre a língua, como a incorporação de palavras estrangeiras ao nosso vocabulário, influências de outras línguas/culturas e o certo x errado. À primeira vista, essas temáticas exploram representações da língua portuguesa escrita, porque recuperam o imaginário do cânone, e, ao mesmo tempo, questões culturais e léxicas que derivam da relação entre línguas, além da problemática da normatividade, o que, de certo modo, não foge do que chamamos de fio condutor do museu.

Ao não trabalharem com o desconhecido como tema, percebemos que essas exposições se inscrevem em uma memória discursiva que sustenta um imaginário de língua já em funcionamento no social e que, pelo simbólico, abrem espaço para a metáfora. Isso significa que elas re-arranjam expositivamente, produzindo o novo ou um efeito dele. As exposições são montadas por um arranjo de matérias simbólicas que nos convidam a rever, repensar sobre algo que de alguma maneira já nos é familiar, mas que está agora neste outro lugar produzindo outros gestos de interpretação. Fundamentadas na lembrança e na releitura, elas vão, uma a uma, ressignificando os sentidos daquilo que é importante de ser comemorado em termos de língua portuguesa e que, como tal, caracteriza, define esta língua para o sujeito que a fala e que dela se constitui.

Dessas exposições, o nosso corpus de análise são os enunciados dos títulos em particular, além de fotos e vídeos, materialidades essas que também traremos à baila como apoio. Em nossas reflexões, temos entendido os títulos como uma metáfora do que é a língua portuguesa no/para o museu. Isso porque, ao se decidir uma exposição, ao se designá-la intitulando-a, está-se dando destaque a fragmentos de uma memória da língua, fragmentos esses que vão constituindo e fazendo significar o discurso da língua portuguesa como patrimônio, por meio de uma rede, senão parafrástica, interdiscursiva. Em outras palavras, está-se mostrando o que dessa memória é importante preservar, porque todo recorte é uma escolha. Além do mais, os títulos das exposições dão circularidade ao discurso dentro e fora do museu, fazendo esse discurso funcionar em consonância ao imaginário social da língua, porque o título faz ressoar sentidos, aciona a memória. Neste ponto, estamos considerando também o caráter temporário<sup>3</sup> das exposições, o que faz delas, hoje, as grandes responsáveis pela afluência de público de um museu (TEIXEIRA COELHO, 2004), ou seja, pela vinda de novos visitantes e pelo

---

<sup>2</sup> Até a data de publicação deste texto.

<sup>3</sup> No Museu da Língua Portuguesa, as exposições ficam em cena por um tempo que cremos como estimado de acordo com o volume de visitação, dada a irregularidade de permanência no museu entre uma e outra.

retorno daqueles por lá já passaram. No Museu da Língua, os títulos das exposições são importantes objetos de publicidade, são eles que permanecem arquivados quando a exposição sai de cartaz<sup>4</sup> e são eles que delimitam a abrangência da exposição, atraindo novo público.

O que nós nos propomos investigar toca o jogo do mesmo e do diferente em um processo discursivo que, ao que parece, sustenta-se de um imaginário social e faz trabalhar esse imaginário um lugar outro, de comemoração, por outros meios, no caso, a exposição e a museografia, trazendo à tona a questão do objeto simbólico como objeto de ‘representação’. No entanto, o que muda e o que permanece neste processo? Além do mais, o que fica de fora quando se diz língua patrimônio? O silenciamento é o que sobra frente ao que se eleva a bem considerado patrimonial, é um ‘à margem’ do que tem estatuto de poder. No entanto, por trás da evidência e da naturalização da importância daquilo que ‘vai’ para o museu, a língua continua significando, constituindo sujeitos falantes e práticas sociais, e não há bem maior que este. Mas, qual é o sujeito que está em perspectiva no museu e que língua ele deve reconhecer como sua? Este trabalho é um entre outros tantos que se propõem a questionar os efeitos de verdade e de evidência que significam no próprio nome da nossa língua nacional, discussão esta ampla nos estudos discursivos e que toca a problemática da nossa brasilidade. A nossa contribuição reside, em particular, na discussão dos objetos simbólicos que tomamos como caros na nossa história e dos quais nos valem para contá-la.

## Referências

- CHASTEL, André. La notion de patrimoine. In: NORA, Pierre (org.). **Les lieux de mémoire**. Tomo I. Paris, France: Gallimard, 1997.
- HEINICH, Nathalie. **La fabrique du patrimoine**. De la cathédrale à la petite cuillère. Paris, France: Éditions de la Maison des sciences de l’homme, 2009.
- NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire. La problématique des lieux. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Les lieux de mémoire**. Tomo I. Paris, France: Gallimard, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007b.
- PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em *Contos Gaúchos*, de João Simões Lopes Neto, à desmistificação em *Porteira Fechada*, de Cyro Martins. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2004. p. 112-125. Disponível em: <[www.ufsm.br/corpus/txts\\_profes/tese\\_verli.pdf](http://www.ufsm.br/corpus/txts_profes/tese_verli.pdf)>. Acesso em: 05.jul.2011.
- TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 2004.

---

<sup>4</sup> Neste ponto, referimo-nos ao arquivo on-line de exposições presente no Museu da Língua Portuguesa, que informa apenas os títulos ou detalhes sobre a mostra. Fotos, por exemplo, não fazem parte deste arquivo.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial**. Paris, 17.out.2003. Tradução portuguesa. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>>. Acesso em: 05.jul.2011.